

25 MAI 1996

FHL OPINIÃO • 7

Um pensador de esquerda

LEANDRO KONDER

O GLOBO

Vale a pena reler um brilhante pensador de esquerda, que publicou diversos livros importantes no Brasil dos anos 60.

Em 1962, num volume intitulado "Capitalismo e escravidão", ele deu uma notável demonstração de tudo que havia aprendido no estudo dos escritos de Marx, sobretudo a partir da leitura de "O capital", empreendida desde 1958. Empreendeu com êxito uma "tentativa de interpretação dialética na sociologia", baseando-se nos "cânones gerais da dialética marxista".

Uma abordagem totalizante das peculiaridades da sociedade escravista dos tempos do Império lhe permitiu concluir que o movimento abolicionista não tinha condições para promover uma luta conseqüente pela libertação dos escravos e por isso ficava vulnerável a uma impregnação conservadora.

O livro analisava impiedosamente a mandragem dos proprietários de escravos, descrevendo-lhes a conduta oportunista: "O senhor agarra-se à escravidão enquanto pode. Porém, pressionado, prestigia, tornando-se abolicionista à sua moda" (p. 266).

No ano seguinte, o nosso combativo autor lançava outro trabalho: "Empresário industrial e desenvolvimento econômico". Detinha-se no exame de mudanças ocorridas no comportamento dos empresários, porém advertia que não eram alterações substanciais do capitalismo: "Enquanto houver capital que se valoriza (que se expande), haverá necessariamente proprietários dos meios de produção e assalariados, porque a valorização do capital equivale à continuidade do processo de apropriação por uma camada social do trabalho realizado por outra" (pp. 39-40).

Apoiando-se em cuidadosa pesquisa, fazia uma crítica implacável aos empresários brasileiros, entre os quais havia muitos conservadores, muitos oportunistas, alguns que padeciam de "espírito de aventura" e outros de "espírito de usura". A burguesia industrial brasileira lhe aparecia como uma força propensa a conciliar com o conservadorismo: "Não assumindo as responsabilidades políticas de classe dominante, a burguesia industrial torna-se em parte instrumento da dominação política dos grupos tradicionais" (p. 191).

Atingido pela onda de repressão desencadeada na esteira do golpe de 1964, o nosso bravo pensador de esquerda perdeu o emprego, foi forçado a sair do país, mas não se deixou abater.

Em 1969 lançou uma coletânea de ensaios intitulada "Mudanças sociais na América Latina".

Acusava o empresário latino-americano de admitir uma situação agrária extremamente retrógrada no nosso continente, em função da preservação de um sistema que por sua natureza exclui a massa camponesa: "Por isso as reivindicações em favor da reforma agrária assumem um caráter explosivo que não parecem possuir por si mesmas: equivalem a desnudar as contradições do sistema político-social vigente" (p. 46).

A idéia de condicionar a reforma agrária a um conjunto de medidas que se limitassem a contribuir para o aumento da produtividade na economia agrícola lhe parecia uma idéia perversa, porque não levava em conta o drama social dos trabalhadores do campo. Escrevia: "Quando se focaliza a questão agrária do ângulo das tensões sociais, o problema que se levanta inicialmente não é o da melhoria, pura e simplesmente, da produtividade, mas principalmente o da melhoria das condições sociais de vida do homem do campo, o que impõe uma redistribuição dos resultados da economia agrária" (p. 236).

Ainda em 1969, terminou a redação de "Política e desenvolvimento em sociedades dependentes", no qual se empenhou em aprofundar sua análise crítica do empresariado brasileiro e observou que os grandes empresários mais ligados ao mercado internacional eram igualmente os menos propensos a aceitar uma política de acordos com os trabalhadores: "Quanto mais vinculados ao exterior, menos favoráveis a alianças com o proletariado (...)" (p.181).

Já no início dos anos 70, o nosso valente autor publicou "O modelo político brasileiro", reunindo diversos ensaios nos quais voltava a comprovar sua familiaridade com os conceitos de Marx, polemizando com Poulantzas e Francis J. Weffort (!).

Embora lamentasse a oposição feita pela direita ao modelo da democracia liberal na América Latina, admitia que esse modelo se apresentava comprometido com a "dominação oligárquico-burguesa"; e advertia contra o erro "de supor uma ordem política abstrata e absoluta, que não toma em consideração as condições reais da relação de força prevalescente na sociedade nem suas contradições" (p. 9).

Qual é o nome desse pensador de esquerda? Aqui ficam apenas as iniciais: FHC.

LEANDRO KONDER é filósofo.